

KÜNG, Hans, *Ciò che credo*, trad. italiana do original alemão de 2009, Rizzoli, 2010, 2x14cm, pp. 361

Ney Brasil Pereira*

Estes dias chegou às minhas mãos um recente livro de Hans KÜNG, escrito há um ano, em fevereiro de 2011, logo traduzido em italiano, ed. Rizzoli, com o título “*Salviamo la Chiesa*”. O título original, alemão, está na forma interrogativa: “*Pode a Igreja ainda salvar-se?*” É um livro não agradável de se ler, do qual diz o próprio autor, logo no início, que “teria preferido não escrevê-lo”. E explica: “Não é agradável dever dedicar, àquela que continua sendo a minha Igreja, uma publicação tão crítica em seu confronto” (p. 7 da edição italiana)... Mas o objetivo desta recensão é o livro anterior, de 2009, intitulado “*O que eu creio*”: é o testemunho de um Küng maduro, insistente, coerente. Como não sei se há uma tradução brasileira, servi-me da italiana, publicada em 2010.

Li-o com a costumada empatia que me suscitam os escritos, sempre provocativos, de Hans Küng. Empatia, claro, não quer dizer concordância pedissequa. Li-o por duas vezes. São dez capítulos, precedidos por breve Introdução, intitulada “Uma visão onicompreensiva do mundo”. Antes de mais nada, reproduzo a apresentação algo sensacionalista do livro pelo Editor, na orelha esquerda da capa, partindo de uma citação do Autor: – “Em relação à fé cega, e ao amor cego, nutri e nutro suspeitas desde os tempos em que estudava em Roma”. Essa desconfiança em relação a qualquer absolutismo sempre guiou Hans Küng, o mais crítico entre os teólogos católicos, o revolucionário que disse sim à pílula e não à infalibilidade papal. É possível hoje, pergunta-se, crer em uma religião? Ou a complexidade do mundo contemporâneo nos impele sempre mais a uma ética global, aceita e aceitável por todos? Para ilustrar a sua resposta a essas perguntas universais, Hans Küng torna a percorrer os momentos fundamentais da sua própria trajetória. Das dúvidas do período universitário aos dissídios com a Hierarquia nos anos Setenta,

* O recensor é Mestre em Ciências Bíblicas e professor do ITESC e da Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC, em Florianópolis.



do empenho em favor do diálogo interconfessional ao recebimento, em 2008, da medalha de ouro Otto Hahn pela paz, as etapas desse itinerário exemplar tocam alguns dentre os temas quentes da nossa época: o multiculturalismo, a natureza contraditória da liberdade, a delicada relação entre moral e pesquisa científica, a necessidade de superar os limites estreitos da intolerância religiosa. Este livro narra a aventura fascinante de uma busca pessoal incansável e corajosa. Posicionando-se contra o niilismo de muitos pensadores modernos, Küng acompanha o leitor em uma extraordinária ascensão espiritual, em busca de nova perspectiva fundada sobre o amor, a consciência de si e o respeito do diferente. É um autêntico hino à alegria, capaz de dirigir-se a todos, também a quem não crê...”

Quanto ao “eu” do título (no original: “*Was Ich glaube*”), Küng explica: “Não entendo o “Eu” de modo subjetivo: não senti jamais o orgulho de ser uma pessoa original, e jamais me senti um predestinado. Importa-me muito ser solidário com as pessoas dentro da minha comunidade de fé, da cristandade, das religiões mundiais, e também com o mundo laico. Solidário no pensamento e nas ações. Ficaria feliz se, enfim, este livro conseguisse expressar em grandes linhas uma convicção partilhada por muitos outros” (p. 9). Na p. 11, ainda da Introdução, ele adverte: “As perguntas e os temas suscitados por estas reflexões são muitíssimos, e procurarei abordá-los conjuntamente e estruturá-los fazendo-os reentrar no conceito amplo e multiforme da vida, tal como veio realizando-se no curso do seu desenvolvimento sobre a terra, no âmbito da vida de cada indivíduo e na minha história pessoal. É óbvio que, dessa maneira, não se pode tocar todos os aspectos e temas da vida cristã. Muitos deles são tratados no fim, na bibliografia que encerra o volume.”

Seguem os dez capítulos, cada um introduzido por uma citação ilustrativa e subdividido em vários subtítulos, que ajudam a facilitar a leitura. Assim, o primeiro, o ponto de partida é a “*confiança na vida*” (p. 13), essa “confiança de fundo” que se aprende desde o seio materno e que, num momento da vida, exige de nós “assumir um risco elementar: o risco de ter confiança” (p. 29). O tópico final do capítulo aborda a confiança “também como base da ciência, da política e da economia” (pp. 35-38).

O segundo capítulo, introduzido por uma citação de Mozart, aborda “*a alegria de viver*” (p.39), mesmo no meio das interrogações e problemas que constantemente nos surpreendem. No terceiro capítulo,



Küng reflete sobre “*o caminho da vida*”, situando o do indivíduo no conjunto do “*caminho de vida da humanidade*” (p. 70), que aprendeu devagar a “comportar-se de modo humano”. Os valores dessa ética concentraram-se em quatro campos de importância vital: a tutela da vida, a da propriedade, a da honra, e a das relações entre os sexos (p. 75). Abordando a seguir as “indicações de percurso equivocadas”, por parte da religião institucionalizada, Küng lamenta os rumos tomados pelo catolicismo após o Vaticano II, especialmente com o “divisor de águas” da *Humanae Vitae*, de Paulo VI (1968). E afirma: “Desde então, ‘*aquilo em que creio*’ e ‘*aquilo que a Igreja prescreve crer*’ divergem amplamente, nas questões morais como também nas dogmáticas” (p. 78). Evidentemente, Küng não pretenderá ser “infallível” – o que não seria lógico em quem questiona a infalibilidade da Igreja – mas seus questionamentos, a partir das ciências da linguagem, têm sua razão de ser. Aliás, um alargamento da problemática, já reconhecido pelo decreto “*Nostra Aetate*”, do Vaticano II, consubstanciou-se no projeto küngiano “*por uma ética mundial*”, de 1990. É uma ética que pode ser reconhecida pelas religiões do mundo, mas também pelos não crentes, pelos humanistas, pelos laicos. E afirma: “Empenho-me totalmente em contrariar a tola tendência em criar uma divisão da sociedade em secular e religiosa. O mundo contemporâneo tem necessidade de ambas, a dimensão secular e a religiosa. Mas sobretudo não precisa de uma coisa: do fanatismo. E os laicistas fanáticos laboram em erro tanto quanto os fundamentalistas religiosos fanáticos” (p. 80). Depois, quase terminando o capítulo sobre “o caminho da vida”, Küng assim caracteriza seu próprio caminho: ele aprendeu, exatamente “com a severa educação preconiliar recebida em Roma”, a caminhar assumindo sempre a atitude de “*solidariedade crítica para com a minha Igreja*” (p.96).

“*O sentido da vida*” é o título do quarto capítulo (p. 99), que começa recordando uma situação limite na vida do jovem teólogo Küng, em maio de 1962, poucos meses antes do início do Concílio. Ele escreve: “A pergunta sobre o sentido da minha missão de teólogo e, mesmo, sobre o sentido da minha vida em geral, se me impôs com urgência ainda maior do que quando eu era estudante” (p. 100). Depois de discorrer sobre a “*perda de sentido*”, Küng contrapõe o “trabalhar para viver” ao “viver para trabalhar” (pp. 111-117), e se interroga sobre o conceito da “vida plena”, sobre o “realizar-se a si mesmo”: a auto-realização confere realmente o sentido último à vida, aquilo que lhe imprime a direção? (p. 120). No âmbito pessoal, afirma que “se empenhou e continua a empenhar-se



pelo que considera uma grande tarefa: a renovação da Igreja católica, a reunificação das Igrejas cristãs divididas e, enfim, o diálogo interreligioso e intercultural sobre a base de uma ética comum da humanidade” (pp. 122-123). O capítulo se encerra com uma contraposição entre o sentido “pequeno” e o sentido “grande” da vida. E afirma: “Para mim, a grande pergunta continua a ser a do sentido da história do ser humano, isto é, se ela não estaria orientada para algo que no fim representa a consumação da existência humana. (...) Confesso que não consigo resignar-me a toda a miséria, a injustiça, a insensatez deste mundo, e por isso busco um sentido último na vida, na dos outros e na minha. (...) Com a condição, porém, de que aí se inclua a morte, e tenha ela também um sentido.” (pp.130-131).

O quinto capítulo, começando com uma citação do diário de L. Wittgenstein, aborda “*o fundamento da vida*” (p. 133). A propósito, cita o tema desenvolvido na sua conferência comemorativa do 5º centenário da fundação da Universidade de Tubinga, em maio de 1977: “Crer hoje, ainda, em Deus?” Pouco depois, saía o seu volumoso livro dedicado ao mesmo tema: “*Deus existe?*”¹. E insiste: “Do que afirmei naquela ocasião estou ainda convencido: quem hoje quer sustentar sobre bases racionais que a fé em Deus tem futuro, deve conhecer e levar a sério os argumentos *contra* (grifo do autor) a fé. É incontestável: muitas vezes, quem era contra a religião era contra a religião institucionalizada, era contra Deus porque era contra a Igreja. (...) O futuro da fé em Deus continua a ser ameaçado neste século XXI. E isso também porque a velha resistência da fé contra a ciência moderna e a democracia não está ainda superada em toda parte” (p.136). Quanto aos argumentos *contra* (grifo do autor) a fé, “é preciso submeter a exame crítico sobretudo duas argumentações: em primeiro lugar a psicológica, segundo a qual Deus seria só uma projeção do ser humano, e depois a histórico-filosófico-cultural, para a qual nos encontraríamos frente ao fim da religião.” (p.138). De fato, porém, não se deu a “superação da religião” por meio do humanismo ateu (Feuerbach), nem a “morte da religião” no socialismo ateu (Marx), nem a “dissolução da religião” por obra da ciência ateia (Freud). Antes, o humanismo ateu, o socialismo, e a fé na ciência, é que se tornaram suspeitos de projeção”

¹ KÜNG, Hans, *Existe Deus? Antwort auf die Gottesfrage der Neuzeit*, Piper, München, 1978; trad. Italiana: *Dio esiste? Risposta al problema di Dio nell'età moderna*, Mondadori, Milano, 1979. Trad. também em espanhol: *Existe Dios?* Editorial Trotta, Madrid.



(p.143). Várias considerações interessantes sobre o “ateísmo militante”² de Richard Dawkins, nas pp. 145-146, concluídas com a expressão de um anseio: “em vez de encenar uma luta contra ou a favor da religião, usando argumentos superficiais de parte a parte, deveríamos aprender uns dos outros, as pessoas ‘ilustradas’ e as ‘religiosas’, e unir-nos na luta contra a violência, as guerras, a opressão... (cf p. 146). A seguir, depois de refletir sobre “uma espiritualidade com racionalidade” (p. 150), Küng convida a “ir ao fundo das coisas” (p.154), a inquirir os “vestígios da transcendência” (p.166), e “dizer *sim* a uma causa e um sentido primeiros, Deus, não só sabendo *que* se pode ter confiança na vida, mas também *porquê*” (p. 169). Para essa confiança, a Bíblia usa a palavra *fê* (cf Hb 11,1), *fê* “em Deus, causa primeira e sentido primeiro de todas as coisas”, e “*fê* em sentido pleno e radical”: não só “crer que” Deus existe; não só “crer em alguém”, em suas palavras, mas, antes, “crer nele”: depositar em Deus “toda a minha incondicional e irrevogável confiança” (cf p. 170).

“*A potência da vida*” é o título, um pouco estranho³, do capítulo 6º (p. 173), que começa com uma citação de *Nostra Aetate*,⁴ do Vaticano II, sobre a crença universal num Ser Supremo. Cito: “Quanto mais lia, viajava, falava e escutava, aprendia, tanto mais ficava claro para mim que o *diálogo interreligioso* (grifo do autor) não era uma questão de academia. O diálogo é uma necessidade política e religiosa, fundamental para a paz entre as nações” (p. 177). E diálogo “não só entre as religiões monoteístas – judaísmo, cristianismo, islamismo – mas incluindo também as religiões místico-sapienciais da Ásia” (ibid.). Seguem várias páginas sobre o que seja uma “espiritualidade mística” (pp. 178-184) e sobre a questão de Deus, “pessoal ou impessoal” (pp. 185-189). A propósito, propõe o conceito de “transpessoal” ou “suprapessoal”, lembrando, porém, que Deus “é e permanece o Inaferrável, o Invisível, o Indefinível, ou, antes, uma “coincidência dos opostos”, como o definiu Cusano⁵” (p.188). Fala também das “duas formas elementares de espiritualidade: a profética, na oração, e a mística, na meditação”, confessando: “Eu tenho praticado ambas” (p.189).

² Expressão de MEDEIROS VIEIRA, Paulo Leonardo, em seu livro “*Deus no banco dos réus. Uma resposta da Ciência ao Ateísmo militante*”, Florianópolis, Ed. Ledix, 2010.

³ No italiano, *potenza*. Não sei que termo o Autor emprega no original alemão.

⁴ Concílio Vaticano II, Decreto *nostra Aetate*, n. 2 (ed. Vozes, n.1581)

⁵ Nicolau de Cusa, 1401-1464, que, na sua obra principal, *De Docta ignorantia* (1440), focalizou a limitação do conhecimento humano



A seguir, reflete sobre “rezar, ou meditar?” e se existe “uma forma mais elevada de oração?” (pp. 189-196), fazendo confidências pessoais, como esta: “Para mim, a Bíblia não é só uma herança literária da cultura mundial, não só uma parte do cânon formativo, mas antes um testemunho único e extraordinário de experiências de Deus” (p. 196). Seguem considerações sobre monoteísmo e politeísmo, sobre a “queda dos velhos e dos novos deuses”, sobre “Deus como ‘Espírito’”, sobre “a busca de um modelo cosmológico” (pp. 206-210). Bela a reflexão sobre a fê num Deus criador: “Crer que o mundo tenha um Criador quer dizer (...) que o mundo e o ser humano não foram gerados do nada para serem lançados ao nada, mas que no seu conjunto eles têm um sentido e valor, (...) não são “caos” mas “cosmo” (...). É motivo de alegria o fato de que nada me obrigue a esta fê. Posso escolhê-la em plena liberdade” (p. 210). Quanto aos “milagres”, observa que é preciso “levar a sério os resultados da ciência bíblica moderna” (p.212), (...), que nos adverte a ler “os chamados ‘prodígios da natureza’ como metáforas, conscientes de que, como na poesia, essas metáforas não pretendem descartar as leis da natureza” (p. 214). As últimas considerações do capítulo referem-se à consumação da história do mundo e do ser humano, que se direcionam para “o fim último dos fins que nós chamamos Deus, o *Deus cumprimento da criação*” (grifos do autor). Ele é Deus “não somente para mim agora, aqui e hoje, mas permanece Deus até o fim: o fim da minha vida e o fim do mundo. Se é o Alfa, é também o Ômega” (p.217).

O capítulo 7º é dedicado ao “modelo de vida” (p. 219). Küng parte pragmaticamente do fato de que, se não tivesse nascido na Europa, em contexto cristão, seu “modelo de vida” seria diferente: seguiria o modelo hindu, ou o de Buda, ou o de Confúcio, ou o modelo mosaico (pp. 220-230)... A seguir, depois de caracterizar “uma espiritualidade cristã falsificada” (pp. 230-234), aborda o “modelo cristão”, a pessoa de Jesus: não o Cristo Pantokrátor, mas a figura histórica viva que nos apresentam os evangelhos, relidos “à luz da riquíssima pesquisa bíblica dos últimos duzentos anos”, “Jesus de Nazaré, enquanto o Messias, Cristo, Ungido, Enviado” (p. 235). A propósito de Jesus como “ponto de referência”, o depoimento: “Raramente tive tão clara idéia do que seja a autêntica espiritualidade cristã, como depois de ter celebrado a missa na igreja em que foi assassinado o Arcebispo Oscar Romero⁶, empenhado pessoalmente na defesa dos direitos do seu povo” (p. 236). Depois, tendo falado da

⁶ Em 24 de março de 1980.



“discrepância existente entre o que foi o Jesus histórico, seu anúncio, sua vida, sua batalha, seu sofrimento, e o que representa hoje a Igreja” (cf. p. 237), reafirma que “o critério para orientar-nos não deve ser uma figura imaginária mas o *Jesus verdadeiro*, o da história, que podemos conhecer, não obstante algumas lendas e inexatidões históricas, lendo o Novo Testamento” (p. 237). Mais adiante: “Só a mensagem, a vida e a obra de Jesus, no seu conjunto, tornam claro o que distingue a sua cruz, por exemplo, da cruz de Espártaco (...) e das muitas cruzes das quais está constelada a história do mundo” (p. 243). Enfim, depois de deter-se no “modelo cristão” (pp. 234-246), Küng apresenta também o “modelo muçulmano” (pp. 247-250) e cita, depois, sobre Jesus, um pensamento da teóloga luterana Dorothee Sölle: “Compara-o tranquilamente com outras grandes figuras: / Sócrates, Rosa de Luxemburgo, Gandhi. / Ele supera o confronto com todos. / Mas seria melhor / compará-lo a ti mesmo” (pp. 250-251). Finalmente, a posição ecumênica de Küng, que no entanto não renuncia à sua identidade cristã: “Visto de fora, de um ponto de vista científico-religioso, há diversos caminhos de salvação, diversas religiões verdadeiras. Mas visto de dentro, para mim, enquanto cristão de fé, existe só uma religião verdadeira: a cristã, para a qual as outras são vistas com reserva⁷” (p. 252)...

Com uma citação do livro de Jó (Jó 30,20-21), começa o capítulo 8º, dedicado ao sofrimento, “*esse obscuro tema fundamental da nossa existência*” (p. 253). Elenco dos primeiros subtítulos: “Uma questão primordial: por que sofro?”, “Justificação de Deus frente à dor?”, “Uma dialética do sofrimento no próprio Deus?”, “A impotência de Deus frente ao Holocausto”, “Um Deus crucificado?”, “O Iluminado (Buda), e o Crucificado”. Nesse último subtítulo, destaco a reflexão seguinte: “Como alguém que sofre e se sacrifica no sofrimento e no amor, Jesus, segundo a compreensão cristã, se distingue do Buda, o Benévolo, o Compassivo. E desse modo se distingue dos muitos deuses e muitos fundadores de religião, de todos os gênios e gurus religiosos, dos heróis e do césores da história do mundo: enquanto sofredor, justicado, *crucificado* (grifo do autor)” (p.266). Ainda sobre o “enigma irresolvível da teodiceia”: “Para os cristãos – e por que também não para os judeus? – no sofrimento extremo, transcendendo a figura de Jó, aparece a autêntica figura histórica do “Servo do Senhor”, que sofre e morre: *o homem das dores de Nazaré* (grifo do autor). A traição, a flagelação, os escárnios, e a longa agonia na

⁷ Ler, na mesma p. 252, os dois parágrafos restantes, que encerram o capítulo.



cruz, anteciparam a tríplice terrível experiência do Holocausto, ou seja, a experiência totalizante dos que foram desprezados por todos, despojados de seus direitos humanos elementares, e sentiram-se abandonados até por Deus” (pp. 269-270). Seguem depois os subtítulos “a cruz mal entendida” e “a própria cruz”, com a seguinte argumentação: “Uma vez que o seguimento da Cruz não pode significar *adoração*, nem *identificação* nem *imitação*, então o que é? É suportar o sofrimento que *toca exatamente a mim* (grifos do autor), na minha situação imutável, em correspondência com o sofrimento de Cristo” (p. 274). Mais: “Nenhuma cruz no mundo pode contradizer a oferta de sentido que está presente na Cruz daquele que foi ressuscitado para a vida: sinal do fato de que um Deus solidário abraça também o extremo perigo, a insensatez, a nulidade, o abandono, a solidão, o vazio” (p.276). Quanto ao humanismo cristão, assim o resume Küng na afirmação final do seu livro “*Ser cristão*”, de 1974⁸, e a retoma agora: “Seguindo Jesus Cristo, o homem no mundo de hoje pode viver, agir, sofrer e morrer de modo verdadeiramente humano, na felicidade e na desventura, na vida e na morte, amparado por Deus e disposto ao serviço do próximo” (p.278). A seguir, depois de ter respondido à pergunta “Como resistir?” (pp. 278-280), Küng termina esse capítulo tratando da “grande liberdade” que nos dá a confiança humilde e incondicional na graça de Deus: “Com essa confiança, diminui o meu medo da vida e aumentam a minha coragem e a minha alegria de viver” (p.283).

O capítulo 9º, intitulado “A arte de viver”, sobre como viver com alegria, sem excluir o sofrimento, começa com uma citação de Paulo: “*Examinai tudo, retende o que é bom, abstende-vos de toda espécie de mal*” (1Ts 5,21-22). Küng começa discutindo “*Eros e Agápe*” (pp. 286-290), passando a discorrer sobre “a força do amor”, e do amor “como atuação da ética mundial”. A seguir, propõe “quatro possibilidades concretas que a ética cristã convida a descobrir: criar a paz por meio da renúncia aos próprios direitos; usar o poder em benefício dos outros; consumir com sobriedade; saber educar no respeito recíproco” (p. 295). Cada uma dessas quatro possibilidades são explicadas nas pp. 295-303. Seguem interessantes considerações sobre “a lealdade no esporte” (pp. 303-307) e sobre “saúde sem a mania do salutismo” (pp. 307-310). No tópico final, Küng aborda “a arte de morrer” como complemento necessário da “arte de viver”, e expressa o desejo de “morrer conscientemente, na gratidão,

⁸ Tradução brasileira de Pe. José Wisniewski Filho, H. KÜNG, *Ser Cristão*, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1976.



na expectativa e na oração”. E continua: “E se devesse ter-me equivocado e não entrasse na vida eterna de Deus, mas no nada? Então, como já o disse várias vezes, teria levado uma vida melhor e mais sensata do que sem essa esperança” (p. 315).

“Uma visão de vida” é a tradução literal do título do último capítulo do livro. Creio que o sentido é “perspectiva”, ou “projeto”, “da” vida. Depois de esclarecer que, “no curso dos anos”, ele elaborou “uma teologia de cunho crítico-social” (p. 318), Küng comenta o fim das “grandes ideologias pseudo-religiosas” e propõe uma “perspectiva realista de esperança” (pp. 318-323). E reproduz o texto de um seu manifesto apresentado na ONU, em novembro de 2001, pouco depois do “fatal 11 de setembro”, sustentando que “a globalização da economia, da tecnologia e da comunicação tem necessidade de um *ethos* global” (p. 326), e que “não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões”, o que supõe o diálogo entre elas, com a aceitação de um “modelo ético global”. Propõe dois “novos paradigmas”: o de uma “política mundial mais pacífica”, e o de uma “economia mais justa” (pp. 327-332). A seguir, ao começar a expor a sua “esperança na unidade da Igreja”, faz esta declaração: “Sou e permaneço um membro leal da minha Igreja. Creio em Deus e no seu Cristo, (...) e permaneço aberto à comunidade da fé cristã na sua totalidade, a todas as Igrejas” (pp. 332-333). Expressa ainda a “esperança numa paz entre as religiões e numa comunidade das nações” (pp. 335-340). Finalmente, depois de afirmar que certas guinadas históricas nos pegam de surpresa – e exemplifica com João XXIII e o Concílio, com Gorbachev e a Perestroika, com Obama depois de Bush – justifica seu sonho, sua “última visão”, com a conhecida frase de Dom Hélder Câmara, “um dos mais importantes bispos do Concílio”: “Se alguém sonha sozinho, seu sonho continuará apenas um sonho; mas se sonhamos juntos, então se tornará realidade” (p. 343). Por isso, ele “crê, e espera”, “num mundo mais pacífico, mais justo, mais humano”. E para si, pessoalmente, espera que lhe seja concedido o que em toda a tradição cristã se chama a “*visão beatífica*”, segundo o que Paulo expressou no final do capítulo 13 da primeira carta aos coríntios: “*O amor jamais cessará.*(...)” (1Cor 13,8-13). Seguem as palavras finais do autor: “Nisso encontra cumprimento, espero, aquilo que eu creio” (p. 344).

As notas, relativamente poucas, estão no final do livro (pp. 353-355): eu preferiria que fossem de rodapé, favorecendo a verificação. Também no final do livro, o elenco, em ordem alfabética, dos autores citados (pp. 357-360), além do elenco das obras de Küng, distribuídas



por temas (pp.345-349). Nos “agradecimentos”, ele começa informando que “neste livro confluíram sessenta anos de trabalho teológico”, e que ele, enquanto teólogo, se vê “não só como um estudioso, mas também como um pastor de almas, que com a sua teologia deseja oferecer às pessoas uma orientação e estímulo para a vida” (p. 351). Penso que esse desejo foi cabalmente realizado. E faço votos para que, quanto antes, o leitor/a brasileiro/a possa dispor, em nossa língua, dos questionamentos e perspectivas que este livro oferece.

E-mail do Recensor:
ney.brasil@itesc.org.br